



**XXVI DOMINGO DO TEMPO COMUM – C – *Parábola do rico e do pobre Lázaro***  
Lc 16,19-31

Caros irmãos e irmãs,

O Evangelho deste domingo nos propõe refletir sobre a parábola do rico e do pobre Lázaro. Trata-se de um texto dirigido a alguns fariseus, como representantes daqueles que amam o dinheiro e vivem só em função dele. Jesus ressalta nesta parábola a vida de dois homens; um vive luxuosamente e realiza todos os dias grandes festas, enquanto o outro, com o nome de Lázaro, está na miséria, tem fome e encontra-se doente. No entanto, com a morte de ambos, a sorte se transforma radicalmente. Quando morreu o rico, foi para um lugar de tormentos, enquanto que Lázaro foi “levado pelos anjos ao seio de Abraão”.

O texto da parábola não diz como foi a vida de Lázaro. Não sinaliza se ele cometeu más ações ou se foi um modelo de virtudes; se trabalhava duramente ou se foi um homem acomodado e que nada quis fazer para mudar a sua triste situação. A parábola não diz se Lázaro foi um homem humilde e educado, se frequentava a Sinagoga para rezar, se foi um trabalhador exemplar e quais os motivos o levaram à pobreza extrema. Não encontramos referências às ações boas ou más praticadas pelos personagens.

O outro personagem é apresentado como “um homem rico, que se vestia com roupas finas e elegantes e fazia festas esplêndidas todos os dias” (v. 19). O único pecado do rico parece ter sido o de viver somente para si. O rico personifica o uso inadequado da riqueza. O luxo desenfreado ocupa um lugar de destaque na parábola; o importante para ele era isto. O texto da parábola mostra que o rico pensa unicamente em satisfazer-se a si mesmo, sem se preocupar minimamente com o mendigo que está à sua porta.

Ele foi incapaz de enxergar Lázaro, pobre e cheio de feridas, que estava à sua porta. A narrativa nos diz que Lázaro “queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E, além disso, vinham os cachorros lambe-las suas feridas” (v. 21). Quando Abraão nega ao rico uma gota de água, não o repreende por alguma falta. Limita-se a lembrá-lo que ele foi rico e que na terra teve muitos prazeres, ao passo que Lázaro sofreu. Não explica o motivo da inversão da posição de ambos após a morte.

O pobre representa a pessoa da qual só Deus se ocupa: em contraposição ao rico, ele tem um nome, Lázaro, abreviação de “Eleazaro”, que significa precisamente “Deus ajuda”. Mesmo sendo esquecido por todos, Deus não o esquece; quem não tem valor aos olhos dos homens é precioso aos do Senhor. Não deixa de ser impressionante que Jesus chame o pobre pelo nome, mas ignore o nome do rico! Esta é a única parábola em que Jesus dá um nome a um dos protagonistas. O rico é descrito com todo o aparato que o rodeava: vestes luxuosas, festas esplêndidas e quotidianas. Mas não tem nome, ele é apenas “o rico”. Isto mostra que o dinheiro, quando passa a ser o centro da nossa vida,

quando se apodera de nós, pode nos dominar e fazer com que percamos a própria identidade.

A narração do texto mostra como a iniquidade terrena é invertida pela justiça divina; depois da morte, Lázaro é acolhido "no seio de Abraão", isto é, Lázaro estava à sua direita, lugar de honra no banquete celeste. Em conformidade com o imaginário judaico, os eleitos se juntarão com os patriarcas e profetas. O rico, por sua vez, termina "no inferno entre os tormentos" (v. 23). Trata-se de um alerta a todos nós, pois é durante a nossa peregrinação neste mundo que devemos corrigir os nossos atos, não é possível fazê-lo após a morte.

Esta parábola também nos faz lembrar do texto das bem-aventuranças de Lc 6,20-26, onde Jesus ressalta: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados...” (Lc 6,20-21). Não podemos do mesmo modo esquecer também de uma outra admoestação do Senhor, referindo-se ao momento do juízo final: “Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,40).

A parábola nos faz lembrar a comunidade dos primeiros cristãos, quando não havia entre eles nenhum necessitado, pois eram “um só coração e uma só alma”; souberam construir uma verdadeira fraternidade (cf. At 4,32ss). Realizavam aquela partilha que falta na parábola: os que possuíam terras ou casas, vendiam e traziam o dinheiro e o colocava aos pés dos apóstolos; e distribuía-se a cada um, segundo a necessidade de cada um (cf. At 4,34-35).

Nesta história, Jesus ensina que não somos donos dos bens que Deus colocou em nossas mãos, ainda que os tenhamos adquirido de forma legítima: somos apenas administradores, encarregados de partilhar aquilo que pertence a todos. Esquecer isto é viver de forma egoísta. O pecado do rico foi não ter visto Lázaro, a quem poderia ajudar, ele demonstrou sofrer de uma forte cegueira, porque não consegue olhar para além do seu mundo, feito de banquetes e roupa fina. Na verdade, o rico não utilizou os seus bens conforme o desígnio de Deus.

O pobre Lázaro é vítima do pecado do rico que não lhe deu atenção, que não o viu. Aliás, parece ter sido ele ignorado por todos. Temos aqui uma descrição muito realista do que são muitas vezes as nossas relações. Somos normalmente indiferentes aos sofrimentos dos outros. A indiferença é verdadeiramente um pecado que pode matar. Nomeando o pobre Lázaro, Jesus nos faz recordar que para Deus cada ser humano é visto como único. Jesus veio compensar o olhar vazio e anônimo do rico. O que se reprova no rico da parábola é isto: não ter tido compaixão e amor para com o pobre que estava à sua porta, a cada dia morrendo aos poucos, sendo corroído pela fome.

Mas a mensagem da parábola vai além: recorda que, enquanto estivermos neste mundo, devemos ouvir o Senhor que nos fala mediante a Sagrada Escritura e viver segundo a sua vontade. Portanto, esta parábola nos ensina que o nosso destino eterno está condicionado pela nossa atitude. Compete a nós seguir o caminho que Deus nos mostrou para alcançar a vida, e este caminho é o amor, entendido como serviço aos outros, na caridade de Cristo, como fizeram inúmeros santos e, dentre tantos, podemos mencionar São Vicente de Paulo, que estimulado pelo amor a Cristo, organizou formas

estáveis de serviço aos mais pobres, aos doentes e aos necessitados. E como também não mencionar Santa Teresa de Calcutá, a missionária da caridade, que tanto trabalhou pela causa dos pobres.

Neste mês de setembro, celebramos o mês da Bíblia e a parábola também insiste em nos mostrar que a Sagrada Escritura nos aponta o caminho seguro para que possamos assumir a atitude correta em relação aos bens que possuímos. O rico ficou surdo às interpelações da Palavra de Deus: ele não se deixou transformar por ela. Até mesmo os milagres são inúteis, quando o homem não acolhe no seu coração os ensinamentos do Senhor. Só a Palavra de Deus pode fazer com que o homem corrija seus erros, saia do seu egoísmo, aprenda a amar e a partilhar.

O texto da parábola conclui com a atenção dirigida aos cinco irmãos, que ficaram em casa. Nós somos, em certo sentido, esses cinco irmãos. A nós agora foi enviado “alguém que ressuscitou dos mortos”. Deus nos enviou o seu filho Jesus Cristo em pessoa e nos mostrou o caminho da salvação.

Possamos pedir ao Senhor que venha em nosso auxílio e nos faça colocar em prática os seus ensinamentos e sermos mais atentos aos irmãos mais necessitados, a partilhar com eles o muito ou o pouco que temos e a difundir no mundo o valor e a importância da solidariedade autêntica, para que juntos cheguemos um dia à glória da vida eterna. Assim seja.

***D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB***  
Mosteiro de São Bento/RJ